

Congresso reage à ofensiva de Collor

Fotos de arquivo

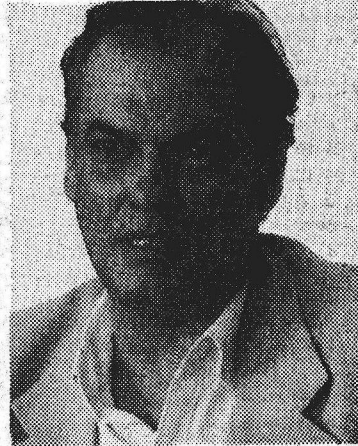
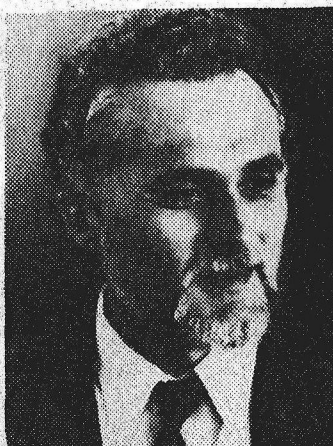
Parlamentares querem provar que são capazes de solucionar crise

Christiane Samarco

BRASÍLIA — Os partidos de esquerda vão pegar a maré do entendimento nacional para tentar uma reaproximação com a sociedade e, com isto, melhorar a imagem do Congresso. “Diante da constatação do isolamento do Congresso, onde as discussões políticas não refletem na vida do país, a esquerda está concluindo que não basta marcar posição”, diz o líder do PSB na Câmara, deputado José Carlos Sabóia (MA). Conversas entre lideranças do PSB, PT, PCB, PC do B e até PMDB já produziram pelo menos um resultado: todos reconhecem que a gravidade da crise exige uma rápida mobilização. “Vamos por exclusão: não podemos repetir a fórmula de 61 (a renúncia de Jânio Quadros), nem a de 54 (o suicídio de Getúlio Vargas)”, sentenciou o deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP).

O Congresso trabalha a tese do entendimento em duas vias. Além das conversas entre as lideranças, os notáveis dos partidos de oposição, como Ulysses, o senador Mário Covas (PSDB-SP) e o deputado Miguel Arraes (PSB-PE), fazem uma articulação independente. Mas eles têm a pretensão de juntar em torno de uma só mesa, já nesta semana, o deputado Roberto Freire (PCB-PE) e um dos porta-vozes do empresariado nacional na Câmara, Delfim Neto (PDS). Enquanto isso, lideranças do PSB, PCB e PT programam uma reunião para a próxima quinta-feira, na sede da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB), em Brasília. “Queremos fazer uma proposta de entendimento a partir de pontos básicos para solucionar a crise e, com isto, inverter o jogo. O Congresso acuado pelo Emendão é quem vai pressionar o governo a agir”, explica o presidente do PSB, deputado Jamil Haddad (RJ).

Filme velho — “Sinto a histeria do entendimento na oposição”, confirma o ministro da Saúde, Alcemir Guerra, que tem sido procurado por parlamentares de vários partidos em defesa desta tese. “Mas espero que o entendimento não passe pelos Cr\$ 126 bilhões em pedidos de políticos, que o ministério não tem condições de atender”, diz o ministro. Na liderança do bloco governista PFL-PRN, o deputado Messias Góis (SE) diz que o PFL tem a obrigação de se engajar na busca do entendi-



Genóino, Ulysses e Freire não acreditam que Emendão produza acordo

mento e quer participar sem posições pré-definidas. “Não há por que ter ciúmes das conversas do presidente Fernando Collor com Tasso Jereissati, até porque todo presidente tem que ter a liberdade de conversar e não deve vassalagem a qualquer partido”, diz Góis. Mas salienta, logo em seguida, que se numa composição de forças outros partidos vierem a participar do governo, “o PFL também vai exigir tratamento igual”.

“Entendimento não é divisão de cargos”, reage o deputado Jayme Santana (PSDB-MA), um dos articuladores independentes do Congresso. Segundo ele, só quem aposta no quanto pior melhor defende a coalizão, e não o entendimento. Na mesma linha, o líder do PT na Câmara, José Genóino (SP), sustenta que “coalizão é fisiologia, filme que já passou no governo Sarney e não deu certo”. No exercício da liderança do PSDB na Câmara, o deputado Paulo Hartung (ES) lembra que o presidente do seu partido, Tasso Jereissati, encontrou-se com o presidente Fernando Collor e, nesta semana, terá conversas com os presidentes do PT, Luiz Inácio Lula da Silva, e do PMDB, Orestes Quêrcia. “Não falamos em coalizão e nem estamos trabalhando na linha do parlamentarismo golpista”, diz Hartung, para quem o Congresso saiu na frente do Planalto na busca do entendimento, tanto na negociação da lei de informática no semestre passado, quanto na política salarial.

“O presidente é bom de marketing, mas é ruim de timing”, ironiza Hartung. “Collor está chegando atrasado e, pior que isto, com pouca credibilidade”, diz o deputado Roberto Freire (PCB-PE), defendendo a tese de que a esquerda precisa parti-

cipar mais “porque a desagregação não é boa conselheira”. Para o petista Paulo Delgado (MG), a situação internacional e a crise brasileira colocaram a esquerda em uma posição não de querer salvar o mundo, mas de torná-lo um lugar melhor para se viver. “Aí o governo passa a ter mais chances de sucesso numa proposta de entendimento nacional, pois o discurso é mais cooperativo”, opina Delgado. Ele acredita que a desunião da esquerda é uma ameaça maior ao Brasil do que a desagregação do governo. Tanto, que chega a defender a ideia do Partido da Esquerda Democrática, unindo desde o PT ao PCB.

Mesmo confessando-se um pouco cético em relação ao entendimento, o deputado Paulo Paim (PT-RS) ainda vê uma possibilidade de sucesso: a de o governo se meter o menos possível. “Estamos todos sensíveis à crise, mas uma negociação entre as forças políticas e sociais, com trabalhadores e empresários participando da formulação de um projeto para o país, só será conseqüente se o governo entrar no último instante”, opina Paim, o governo perdeu o barco do entendimento quando não aproveitou a reunião dos políticos, das centrais sindicais e de representantes da Confederação Nacional da Indústria, para discutir política salarial e apresentar seu projeto para combater a inflação. “No máximo de sua incompetência, o governo preferiu simplesmente vetar o projeto de política salarial, sem conversar com as centrais sindicais. O discurso é o do entendimento, mas a prática é oposta”, encerra.